

TRILOGIA TRÁGICA NO TEATRO NACIONAL

Ifigénia: Uma tragédia?

EUNICE TUDELA DE AZEVEDO

Titulo: *Ifigénia*. Texto e encenação: Tiago Rodrigues. Interpretação: Ana Tang, Ana Valente, Flávia Gusmão, Isabel Abreu, João Grosso, José Neves, Lúcia Maria, Marco Mendonça, Maria Amélia Matta, Miguel Borges e Sandra Pereira. Música original: Gabriel Ferrandini. Cenografia: Ângela Rocha. Figurinos: Magda Bizarro e Ângela Rocha. Desenho de luz: Nuno Meira. Desenho de som e sonoplastia: Sérgio Henriques. Assistente de encenação: Filipa Matta. Produção: Teatro Nacional D. Maria II. Local e data de estreia: Sala Garrett do Teatro Nacional D. Maria II, 16 de Setembro de 2015.

Assinalando a abertura da nova temporada do Teatro Nacional D. Maria II, Tiago Rodrigues assinou e encenou a reescrita de três tragédias clássicas: *Ifigénia em Áulis*, de Eurípides, *Agamémnon*, de Ésquilo, e *Electra*, de Sófocles. Esta sequência de três espectáculos – que recupera a forma clássica da trilogia trágica – começou com *Ifigénia*, que narra os momentos que antecedem a partida dos Gregos para Tróia, após o rapto de Helena.

Comparado com o original de Eurípides, embora não se afaste do fio de desenvolvimento da acção, o texto de Tiago Rodrigues está muito longe do trabalho de linguagem do tragediógrafo, como, de resto, seria de esperar. A lógica seguida na adaptação do texto reflectiu-se em palco. Ao entrar na sala, o público foi confrontado com sinais de uma abordagem cenográfica e de encenação que sugeriam uma contemporização muito marcada de um clássico.

Apesar de seguir, como já foi referido, a linha de acção original, Rodrigues «descomplexificou» o texto – por vezes em demasia – no sentido de o fazer ressoar com maior intensidade nos dias de hoje e de levar o público a reflectir sobre a problemática apresentada em palco e a construir um paralelo com o que hoje se vive em termos políticos e sociais.

O recurso à narração em detrimento da acção é uma característica muito marcada nesta versão do texto – aspecto que não tem lugar na forma clássica do género trágico, mas que é antes uma marca do género épico – e sugere um tratamento brechtiano do espectáculo. É através da voz do coro – que encontra aqui uma importância maior, ao conduzir muitas vezes a acção em vez de se cingir à sua função clássica de comentário do que em palco se desenrola – que este



IFIGÉLIA, TEXTO
E ENC. TIAGO
RODRIGUES, TEATRO
NACIONAL D. MARIA II,
2015 (MIGUEL BORGES),
[F] FILIPE FERREIRA

aspecto mais se faz sentir. Um outro recurso de desconstrução da convenção aqui utilizado foi a dispersão dos actores pela plateia, que, num esforço de recordação da base mitológica do espectáculo, interpelavam os espectadores à entrada da sala para que estes os ajudassem a esclarecer a genealogia dos Atridas.

Apenas alguns elementos cenográficos desafiaram a nudez do palco: uma estrutura em forma de tenda – colocada no lado esquerdo e constituída por um tecido translúcido, que permitiu ao público ver uma parte significativa da acção que ocorreu no seu interior – e um amontoado de lâmpadas fluorescentes e ventoinhas cromadas (no lado direito e ao fundo do palco), que foram ligadas apenas no fim do espectáculo para animar as nuvens feitas de papel que pairavam por cima desta fonte de luz e vento. No que diz respeito à construção das figuras do espectáculo, as personagens apresentam-se pouco trabalhadas; superficiais, até. Não reconhecemos em palco a tradicional natureza sobre-humana das figuras trágicas. Já o trabalho com os figurinos caracteriza convenientemente cada uma das personagens e ecoa eficazmente o cruzamento da esfera clássica e da contemporaneidade onde este espectáculo propõe inserir-se.

Um aspecto interessante da criação de Rodrigues prende-se com a inclusão no próprio espectáculo da história do aparecimento e evolução do género trágico – manifestada, por exemplo, através da



IFIGÉNIA, TEXTO
E ENC. TIAGO
RODRIGUES, TEATRO
NACIONAL D. MARIA II,
2015 (ISABEL ABREU
E MIGUEL BORGES),
[F] FILIPE FERREIRA

emancipação progressiva dos actores em relação ao coro –, mas a sua grande força brota da sua veia política. É impossível não traçar o paralelo com a situação que hoje vivemos numa Europa que se afastou radicalmente do seu desígnio inicial. Uma Europa que parece não se recordar dos valores que estão na base da sua fundação e que são uma parte fundamental da sua matriz cultural e social.

Outra linha mestra deste trabalho de Rodrigues (que já fora uma preocupação muitíssimo válida que pudemos ver materializada em *By Heart* [2013], magnífica ode à importância da memória individual e colectiva sob a forma de uma incursão no universo de Steiner) prende-se com a importância da memória e o perigo que pode nascer de não termos presente o caminho até aqui trilhado. O esmorecer da memória tem, forçosamente, consequências negativas no futuro que nos espera como colectivo.

Talvez seja mais difícil nutrir o mesmo entusiasmo em relação ao tratamento do género nesta *Ifigénia*. Uma certa superficialidade esvaziou o espectáculo da sua dimensão trágica, o que torna complicado aceitá-lo como tal. Não se trata aqui de uma apologia da sacralização dos clássicos; trata-se apenas de reconhecer neste espectáculo uma certa ineficácia.